

Inês Signorini [org.]

# GÊNEROS CATALISADORES

letramento & formação do professor



ANA ELISA DE ARRUDA PENTEADO

EDILAINE BUIN

ELIANA MELO MACHADO MORAES

HUGO LORENZETTI NETO

INÊS SIGNORINI

JOÃO BENEILSON MAIA GATINHO

MILENE BAZARIM

ROBSON SANTOS DE CARVALHO

WAGNER RODRIGUES SILVA

WLADIMIR STEMPNIAC MESKO

# SUMÁRIO

<b>Prefácio</b>	
INÊS SIGNORINI .....	7
<b>PARTE I</b>	
<b>A INTERLOCUÇÃO FORMADOR/FORMANDO     MEDIADA POR GÊNEROS ESCRITOS</b>	
<b>1. A construção da interação entre professora e alunos     em contexto escolar</b>	
MILENE BAZARIM .....	19
<b>2. Auto-avaliações escritas por graduandos</b>	
ROBSON SANTOS DE CARVALHO, WAGNER R. SILVA E ELIANA M. MACHADO MORAES .....	41
<b>3. O gênero <i>relato reflexivo</i> produzido por professores da escola     pública em formação continuada</b>	
INÊS SIGNORINI .....	53
<b>4. Como se responde a um bilhete? Movimentos a partir desse instrumento     de intervenção nas produções textuais em processo de reescrita</b>	
ANA ELISA DE ARRUDA PENTEADO & WLADIMIR STEMPNIAC MESKO .....	71
<b>PARTE II</b>	
<b>ARTICULAÇÃO E OBJETIVAÇÃO DE SABERES     LINGÜÍSTICO-DISCURSIVOS ATRAVÉS DE GÊNEROS ESCRITOS</b>	
<b>5. O impacto do bilhete do professor na construção do sentido     do texto do aluno</b>	
EDILAINE BUIN .....	95
<b>6. Tomada de notas: contrapalavras das professoras</b>	
ELIANA MELO MACHADO MORAES .....	125
<b>7. Sequências de atividades didáticas propostas por professores em     formação continuada</b>	
JOÃO BENEILSON MAIA GATINHO .....	143
<b>8. Leitura, gênero e juízo: linguagem e “dever ser” em sequências de     atividades didáticas</b>	
HUGO LORENZETTI NETO .....	157
<b>9. Articulações entre gramática, texto e gênero em sequências     de atividades didáticas</b>	
WAGNER RODRIGUES SILVA .....	175
<b>Posfácio</b>	
INÊS SIGNORINI .....	201

# PREFÁCIO

**E**ste é um livro escrito a muitas mãos, inspirado em muitas fontes, e que não só mistura ritmos e estilos, como também entrelaça, volta e meia embaralha, inúmeros percursos. Não só os de seus autores — professores pesquisadores vindos de diferentes Estados brasileiros —, como também os de seus alunos, sujeitos e/ou colaboradores de pesquisa — professores da escola fundamental, sobretudo professores em cursos de formação.

Mas como separar os percursos desses professores em formação dos percursos concomitantes de seus alunos na escola? Da mesma forma, como separar, nesses mesmos percursos, a formação regular da continuada? a experiência na escola e a experiência acadêmica? a pesquisa e a ação? Na verdade, muitos são os fios e muitos os nós que se apresentam ao pesquisador interessado na formação do professor e que não queira perder de vista o desenho que se vai delineando para um processo sempre em fluxo. Nossa tentativa neste volume foi justamente tentar capturar alguns desses nós e identificar o tecido de que são feitos e a função que parecem desempenhar na orientação do fluxo. Dito de outra forma, nossa tentativa foi tentar flagrar momentos desse processo em fluxo e identificar neles tanto o que já está posto quanto o que apenas se delineia, se esboça, mas já aponta para os movimentos microbianos de que é feita toda mudança no campo social.

Para isso, retomamos dos cursos ditos “de capacitação” por nós ministrados em 2003 e 2004<sup>1</sup> e que nos forneceram os principais re-

---

1. Trata-se dos seguintes cursos de 80h cada, oferecidos aos professores da rede estadual pelo Programa Teia do Saber, patrocinado pela SEE/SP: Metodologias da Língua Portuguesa no Ciclo II do Ensino Fundamental (out./dez. 2003; 6 turmas de professores atuando nas cidades de Sumaré e Campinas); Metodologias da Língua Portuguesa no Ciclo II do Ensino Fundamental (continuidade) (set./dez. 2004; 3 turmas de professores atuando nas cidades de Sumaré e Campinas); e Ler para aprender: Práticas de Leitura e Novas Tecnologias (set./dez. 2004; 5 turmas de professores atuando nas cidades de Sumaré e Campinas). Tais cursos foram ministrados na Unicamp e por mim coordenados nas turmas citadas. Na mesma ocasião, outras turmas de professores atuando em diferentes cidades do interior paulista foram coordenadas por outros docentes do IEL, no âmbito do mesmo Programa.

gistros para geração de dados, a premissa básica de que tanto a formação regular quanto a continuada se constituem de práticas letradas específicas (letramentos específicos) orientadas para a comunicação social em sentido amplo (não só a comunicação em sala de aula) e para a objetivação de saberes sobre a língua e seu funcionamento. Em função dessa premissa, dos resultados de nossas pesquisas anteriores sobre ensino de língua e formação do professor<sup>2</sup> e também em função das necessidades criadas pelos PCN (1998) para o ensino fundamental de língua portuguesa, elegemos três componentes inter-relacionados, por nós considerados críticos para o processo de formação do professor, em suas relações com o letramento<sup>3</sup>. Críticos não só no sentido de sintomáticos de uma situação de crise (também presente na metáfora do nó), como também e sobretudo no sentido de cruciais para o desenvolvimento de um processo em fluxo (sem os nós, não há tecido, nos termos da metáfora citada). Tais componentes inter-relacionados são os seguintes: a *interlocução formador/formando, professor/aprendiz; a emergência e objetivação de papéis e identidades em contexto de ensino e de formação do professor; e a (re)construção de objetos de ensino/aprendizagem da escrita.*

A preocupação com tais componentes orientou tanto os eixos de desenvolvimento dos cursos “de capacitação” quanto os focos de análise no contexto das pesquisas que se desenvolveram ao longo desses cursos. Assim, visando cada um desses componentes, foram identificados gêneros catalisadores, isto é, gêneros discursivos que favoreceram o desencadeamento e a potencialização de ações e atitudes consideradas mais produtivas para o processo de formação, tanto do professor quanto de seus aprendizes. Conforme pretendemos demonstrar nos estudos aqui apresentados, tais gêneros assumem a função de *locus* desse processo em fluxo, não necessariamente a função de objeto ou alvo desse mesmo processo. *Locus* no sentido de um espaço regulado de natureza lingüístico-discursiva e também sociocognitiva, feito de trilhos e andaimes indispensáveis à construção do novo: novos gêneros feitos da mistura ou entrelaçamento de

---

2. A esse respeito, ver Signorini (1995; 1998; 2000; 2001 a e b; 2002; 2004; 2006; Signorini & Dias, 2000; Kleiman & Signorini, 2000).

3. Estamos aqui entendendo o letramento enquanto “conjunto de práticas de comunicação social relacionadas ao uso de materiais escritos, e que envolvem ações de natureza não só física, mental e lingüístico-discursiva, como também social e político-ideológica” (cf. Signorini, 2001: 8-9; a partir de Street, 1984; Barton & Ivanic, 1991; Barton, 1994; Kleiman, 1995, entre outros).

outros já conhecidos; novos textos visando novos interlocutores e novas indagações, mas ancorados na experiência com gêneros e práticas bem conhecidas, inclusive escolares; novos objetos de ensino orientados por novas concepções e novos objetivos, mas articulados em seqüências de atividades que se integram a práticas de ensino já existentes.

Apesar da importância dos gêneros orais nesse processo, a relevância atribuída ao ensino da leitura, da escrita e da gramática da língua escrita, inclusive pelos documentos oficiais (além dos PCN, os editais apresentados pela SEE/SP para orientar os cursos “de capacitação”), fez dos gêneros escritos o principal foco dos cursos oferecidos e, por consequência, também das pesquisas a eles relacionadas.

Desse modo, visando ao componente *interlocução formador/formando, professor/aprendiz*, interessou-nos a interlocução mediada pela escrita, mas uma escrita capaz de instaurar “outras cenas de fala”, nos termos de Rancière (1995, 8), ou seja, uma escrita capaz de criar um espaço social discursivo mais propício ao alinhamento das ações individuais em sala de aula e, conseqüentemente, mais propício à produção e realização de atividades de ensino/aprendizagem nesse contexto específico. O que não significa dizer um espaço neutro, ou neutralizado, despovoado dos conflitos e contradições que caracterizam tanto a escola pública hoje no Brasil, quanto os cursos de capacitação oferecidos pelo Estado a seus professores. O enfrentamento e a ressignificação desses conflitos e contradições são constitutivos da interlocução formador/formando, professor/aprendiz, sendo que tais conflitos e contradições são também de natureza política e ideológica, e não somente de natureza epistemológica, isto é, referente ao campo do conhecimento<sup>4</sup>.

Nos contextos aqui focalizados, bilhetes, cartas e relatos foram os gêneros catalisadores nesse processo de enfrentamento e ressignificação de conflitos e contradições com vistas a uma reconfiguração necessária do espaço discursivo e interacional da sala de aula, no qual vão se constituindo os papéis sociais de formador e de formando, os papéis institucionais de professor e aluno, bem como as identidades individuais e de grupo. Desse modo, ao componente *interlocução formador/*

---

4. Também verificado na década de 1990 em programa de formação em serviço de professores alfabetizadores de jovens e adultos da rede municipal da cidade paulista de Cosmópolis (cf. Signorini, 2000; Kleiman & Signorini, 2000).

*formando, professor/aprendiz*, está diretamente associado o componente *emergência e objetivação de papéis e identidades*, conforme demonstram os trabalhos que compõem a primeira parte deste volume.

Quando associados à reescrita de textos, bilhetes e cartas também favoreceram deslocamentos significativos em relação às práticas habituais de produção e avaliação de materiais escritos na escola, contribuindo também para a *construção de objetos de ensino/aprendizagem* mais significativos, terceiro e último dos três componentes inter-relacionados, por nós considerados críticos para o processo de formação do professor, em suas relações com o letramento. Conforme ilustram os trabalhos que compõem a segunda parte deste volume, tanto bilhetes e anotações de aula, quanto seqüências de atividades didáticas foram gêneros catalisadores na construção de objetos de ensino/aprendizagem mais alinhados com o objetivo mais geral de uma inserção mais efetiva do aprendiz, inclusive o professor em formação, em práticas letradas específicas e socioculturalmente valorizadas.

## **SOBRE A COMPOSIÇÃO DO VOLUME**

Compõem a primeira parte deste volume quatro trabalhos que investigam como, na interlocução formador/formando, professor/aprendiz mediada por gêneros escritos catalisadores, vão-se configurando e reconfigurando os papéis e as identidades dos interlocutores e, assim, vão-se criando novos contextos de ensino-aprendizagem, tanto nos cursos de formação de professores quanto na escola fundamental.

No primeiro deles, intitulado “A construção da interlocução entre professora e alunos em contexto escolar”, Milene Bazarim tem como foco de análise sua tentativa de reconfiguração do espaço sociointeracional da sala de aula de quinta e sexta séries do ensino fundamental de uma escola pública da periferia de Campinas, SP, através da reconfiguração da interlocução professor/aluno via bilhetes e cartas que circularam de forma paralela às atividades da rotina escolar ao longo de um mês. A principal contribuição desse trabalho está em mostrar de que modo tais gêneros viabilizaram a criação de espaços de interlocução diferenciados em relação ao que havia antes e, ao mesmo tempo, acabaram favorecendo e contribuindo para a apropriação e/ou o uso, pelos alunos, de recur-

so lingüístico-discursivos específicos dos gêneros mobilizados. A função da escrita da professora nesse processo de apropriação de recursos lingüístico-discursivos também é considerada nesse trabalho.

No segundo trabalho desta primeira parte, intitulado “Auto-avaliações escritas por graduandos”, Robson de Carvalho, Wagner R. Silva e Eliana M. M. Moraes focalizam os modos de textualização utilizados por alunos graduandos de letras e do normal superior de uma faculdade do interior de Minas Gerais, para cumprirem a tarefa, regularmente proposta no contexto das disciplinas de lingüística, oralidade e escrita, e literatura e biblioteca, de produzirem auto-avaliações ao longo dos cursos. Conforme aponta a análise dos textos produzidos, os graduandos mobilizam e entrelaçam em seus textos formas lingüísticas, padrões textuais e sociopragmáticos próprios de gêneros mais familiares, como a redação escolar, o relato de atividades e o bilhete. Do ponto de vista da interlocução formador/formando, é interessante verificar como tal entrelaçamento possibilita aos graduandos tanto apresentarem razões e argumentos do tipo “objetivo” para justificarem a nota que dizem merecer, quanto estabelecerem uma relação mais próxima e informal com o interlocutor, que é também o professor/avaliador que deve ser convencido, e não só por razões objetivas e impessoais, da plausibilidade da nota e das razões e argumentos apresentados. O interesse desse trabalho está em mostrar como o gênero escolar “auto-avaliação”, no contexto estudado, se constitui justamente nessa dupla função.

Tendo também como foco de interesse a interlocução mediada pela escrita em contexto de formação, o terceiro trabalho, intitulado “O gênero relato reflexivo produzido por professores da escola pública em formação continuada”, focaliza os relatos de cunho autobiográfico produzidos por professores em cursos de formação continuada. Nesse trabalho, descrevemos as funções desse tipo de relato na formação do professor, destacando por um lado os processos de subjetivação e de reconfiguração de posições, papéis e identidades sociointeracionais que ele propicia e, por outro, os modos de rememoração e ressignificação, pelo professor autor, de fatos, cenas e personagens de sua história pessoal e profissional em função da interlocução com seus leitores (formador universitário; outros professores participantes do curso) e também em função das indagações e necessidades suscitadas e/ou reiteradas no/pelo curso de formação. A principal contribuição desse trabalho é a de mostrar como são reconstruídas, atra-

vés dos processos lingüístico-discursivos engendrados no/pelo relato, as figuras do professor/autor do texto, do professor/profissional do ensino, do aluno e da escola ou do ensino em geral, enquanto objetos de discurso, nem sempre congruentes ou compatíveis com os veiculados pelos discursos institucionais, escolares ou acadêmicos. O interesse para a formação do professor está no caráter reflexivo e indexical dessas construções, que passam a integrar o universo de interpretações e sentidos com que opera o professor em suas práticas profissionais.

No quarto e último trabalho desta primeira parte, intitulado “Como se responde a um bilhete? Movimentos a partir desse instrumento de intervenção nas produções textuais em processo de reescrita”, Ana Elisa de A. Penteado e Wladimir S. Mesko focalizam o impacto da intervenção do leitor/formador universitário, através de bilhetes escritos, no processo de escrita e reescrita de *relatos reflexivos* produzidos por professores da rede estadual paulista em curso de formação continuada. Para isso, identificam e descrevem momentos do processo de reescrita considerados significativos para que se compreenda como se desenvolve a interlocução formador/formando via bilhete orientador/instigador da produção de novas versões, pelo professor/autor, do relato em construção. Uma contribuição interessante desse trabalho é a de mostrar como, em suas intervenções, o leitor/formador busca provocar a instabilização dos discursos já consolidados, inclusive através de questões que podem soar como provocações, visando à produção de relatos mais autorais. Outra contribuição interessante é a de mostrar que essa interlocução formador/formando é também informada pelos diversos discursos que afloravam em sala de aula dos cursos de formação ao longo do processo de escrita e reescrita dos relatos analisados. As contribuições do estudo dos tipos de resposta aos bilhetes, verificados no *corpus* estudado, para uma discussão mais aprofundada sobre os processos de escrita e reescrita orientados/instigados por bilhetes escritos, tanto na formação de professores quanto no ensino fundamental, também são considerados nesse trabalho.

A segunda parte deste volume reúne investigações sobre como, em gêneros catalisadores, introduzidos e/ou mobilizados nos cursos de formação continuada, vão sendo articulados e desarticulados saberes lingüístico-discursivos heterogêneos, vão sendo (re)constituídos os objetos de ensino.

No primeiro trabalho da segunda parte, intitulado “O impacto do bilhete do professor na construção do sentido do texto do aluno”,

Edilaine Buin investiga a reescrita de textos escolares sobre evolução, orientada por bilhetes produzidos por professores em curso de formação continuada. O foco de análise é a constituição da coerência textual enquanto objeto de ensino nos/pelos bilhetes de orientação para a reescrita. Os dados de sustentação são produções escritas de cinco alunos, realizadas para cumprir tarefas em aulas de história de uma 5ª série do ensino fundamental de uma escola pública de Jaguariúna, SP. A principal contribuição desse trabalho é mostrar que o bilhete orientador da reescrita do texto do aluno é um gênero específico, que não se confunde com o comentário, mais genérico e bem mais familiar aos professores focalizados, mas que não tem a mesma função no ensino da escrita e por isso não atende às necessidades específicas do exercício da refacção visando questões de coerência na construção do texto. Outra contribuição importante é a de chamar a atenção para a importância do trabalho de leitura/escrita desenvolvido por professores de outras disciplinas usuárias de textos escritos, como história, por exemplo, para o letramento escolar do aluno.

Focalizando anotações produzidas por professoras em curso de formação continuada, Eliana M. M. Moraes examina, no trabalho intitulado “Tomada de notas: contrapalavras das professoras”, tanto o conteúdo (o quê) quanto o tipo ou estilo (o como) das anotações, de modo a identificar e descrever indícios dos critérios de seleção do que foi anotado e também dos modos de compreensão, pelas anotadoras, do que foi dito/ouvido, inclusive quando resistem ou rejeitam o que ouviram/compreenderam. Os dados de sustentação desse estudo são anotações realizadas por professoras de alfabetização, de 1ª a 4ª séries do ensino fundamental e por coordenadores pedagógicos, durante a exposição oral de uma professora graduanda de letras, convidada para apresentar o projeto de ensino da escrita que vinha desenvolvendo com seus alunos da 2ª série do ensino fundamental, em uma escola particular da cidade de Itu, SP. A principal contribuição desse trabalho é mostrar como o exercício da anotação, bem como a análise de anotações em contexto de ensino, pode contribuir positivamente para o letramento escolar e a formação do professor.

Os três trabalhos seguintes investigam, em seqüências de atividades didáticas produzidas por professores em curso de formação continuada, os modos de articulação e desarticulação de saberes lingüístico-discursivos e de constituição de objetos de ensino para a escola funda-

mental. A base empírica de sustentação é a mesma para os três e é constituída de dez seqüências produzidas ao final do segundo módulo do curso, por professores do ciclo II (5ª a 8ª séries) do ensino fundamental de diferentes escolas de Campinas e arredores.

No primeiro deles, intitulado “Seqüências de atividades didáticas propostas por professores em formação continuada”, João B. Maia Gatinho focaliza especificamente a questão da mobilização de saberes heterogêneos como fator constitutivo das atividades didáticas que integram as seqüências analisadas. Para isso, enfatiza a seqüência de atividades didáticas como um gênero catalisador desse processo de mobilização, na medida em que se constitui, no curso de formação em que foi produzido o *corpus* de análise, como um espaço de experimentação, (re)construção e transformação de saberes produzidos em diferentes espaços/tempos, inclusive escolares, o que faz com que adquira contornos específicos, em função dos percursos individuais dos professores e também dos contextos institucionais, sociais e históricos em que foi desenvolvido o curso. Uma contribuição importante desse trabalho é mostrar como e por que, nas seqüências analisadas, as práticas escolares de estudo do texto e da gramática, bem como os gêneros planejamento escolar e manual didático fornecem ganchos importantes para (des)articulações e (des)alinhamentos de materiais e objetivos, sejam eles desejáveis ou não, esperados ou não, na etapa específica do processo de formação em que se encontravam os professores focalizados.

O segundo trabalho dedicado à análise das seqüências de atividades didáticas produzidas por esses professores tem como foco específico os exercícios de leitura propostos. Em “Leitura, gênero e juízo: linguagem e ‘dever ser’ em seqüências de atividades didáticas”, Hugo Lorenzetti Neto faz um levantamento sobretudo das dificuldades para que apontam os exercícios de leitura que integram as seqüências examinadas, notadamente as dificuldades relacionadas ao estudo do gênero e do texto multimodal. Enfatizando a importância do ensino da leitura orientado pela noção de gênero do discurso para a implementação de práticas escolares mais produtivas, sobretudo quando se quer evitar que juízos de ordem moral, ética ou estética se sobreponham ao debate inerente à idéia de formação cidadã e crítica (apregoadas também pelos atuais PCN para o ensino da língua), o autor chama a atenção para os modos como, nas seqüências analisadas, a preocupação com o ensino de valores já dados, sobretudo morais e estéticos, chegam a compro-

meter uma abordagem temática mais consistente de materiais propostos para leitura, ou qualquer outro tipo de análise do texto ou do gênero que estimule a reflexão. Outra contribuição desse estudo é mostrar o caráter pervasivo dessa preocupação nos exercícios de leitura analisados, o que faz com que passe muitas vezes despercebida ou adquira menor visibilidade, principalmente em contexto escolar.

O trabalho seguinte, intitulado “Articulações entre gramática, texto e gênero em seqüências de atividades didáticas”, é dedicado ao estudo dos exercícios gramaticais e de análise lingüística propostos nas mesmas seqüências enfocadas nos dois trabalhos anteriores. Enfatizando o caráter provisório de todo diagnóstico sobre o desempenho dos professores na elaboração dessas seqüências, uma vez que elas dão visibilidade a um momento apenas de um processo bem mais amplo que estava em curso na época, Wagner R. Silva identifica e descreve, nesse trabalho, os modos de articulação e desarticulação, no *corpus* de análise, de saberes escolares e acadêmicos sobre o texto como unidade de estudo, sobre o gênero como categoria de estudo do texto e sobre a gramática como descrição do funcionamento da língua. Além de focar as dificuldades e limitações para as quais apontam as atividades propostas pelos professores em suas seqüências, apresenta sugestões de desenvolvimento do que foi nelas apenas esboçado, bem como sugestões de articulações não contempladas nas seqüências, mas que considera mais produtivas para o letramento escolar. Uma contribuição importante desse trabalho é justamente o exame minucioso não só do que, nas seqüências analisadas, está feito ou apenas ensaiado, como também das possibilidades criadas pelos professores em formação, a serem exploradas.

## **AGRADECIMENTOS**

Contribuíram para a realização dos trabalhos aqui apresentados todos os professores e graduandos que têm trabalhado conosco e têm se interessado pela pesquisa sobre formação do professor. Agradecemos a todos, especialmente aqueles que colaboraram mais diretamente neste volume, seja entrando de fato na discussão que temos promovido em cursos, palestras e comunicações, seja disponibilizando materiais (escritos e audiovisuais) para o ensino e a pesquisa na formação continuada, inclusive suas próprias produções e as de seus alunos. Espe-